

A CRUELDADE BENÉFICA DE TAMBÍÚ: O REGIONALISMO DE BERNARDO ÉLIS TRADUZIDO PARA A LÍNGUA INGLESA

Johnwill Costa Faria¹ (UEG)
Phablo Fellipe Oliveira²(UEG)

GT10 – Estudos Literários

Resumo

Referindo-se à tradução, alguns problemas são iminentes a quem traduz. Dentre eles, a tradução de dialetos. Principalmente quando se trata de dialetos próprios, regionais e desviantes à norma padrão. Nesse sentido, tratamos da tradução de um conto de Bernardo Élis à língua inglesa, levando em consideração os problemas da tradução de dialetos, bem como as questões pertinentes a tal assunto. Buscamos, portanto, uma análise da tradução feita pelo britânico Jethro Soutar da obra *A crueldade benéfica de Tambiú*, de Élis, segundo as teorias de, principalmente, Venuti (1998), Pym (2000) e Faria (2009). Aqui, pretende-se uma série de instruções acerca do ato de se traduzir dialetos, levando em consideração seus problemas e sua marcação linguística ao buscar termos ditos “equivalentes” em outra cultura. Assim, mostrar-se-ão opções e soluções para lidar com as questões que demandam as traduções de dialetos, bem como as dificuldades de fazê-lo as nuances que permeiam as culturas diversas, estrangeiras ou não. Logo, neste norte, discutir as decisões tomadas pelo tradutor ao se deparar com termos regionais, próprios que marcam uma cultura e dão, ao personagem, um tom característico e único, são nossas preocupações, baseadas em questionamentos como: o que fazer para se traduzir a regionalidade e a coloquialidade de uma obra sem que esta perca sua essência? Dúvidas como essas são pertinentes e são elas que nos norteiam nesta pesquisa, para que possa não dá-la por concluída, mas buscar soluções e instruções que auxiliarão quem faz traduções e quem lida com esses mesmo problemas, visando melhorar o campo das traduções.

Palavras-chave: Tradução. Dialetos. Literatura Goiana. Bernardo Élis.

Introdução

A tradução literária desempenha um papel de suma importância para a relação cultural da humanidade, criando, de certa forma, um intercâmbio entre culturas distintas levando a um conhecimento dado de modo geral das peculiaridades de cada nação. Neste

1Prof. Ms. Johnwill Costa FARIA,

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas (UEG). E-mail: johnmagister@gmail.com.

2Phablo Fellipe OLIVEIRA, discente,

Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: phablofellipe@hotmail.com

norte, esbarramos em um problema muito comum dentro do ato de traduzir: a partir do fato de que cada língua tem sua forma característica de dar suas relações, assim, temos que considerar que o tempo exerce um papel que rege as mudanças de cada língua, logo, a cultura também se afeta, uma vez que língua e cultura estão relacionadas indiscutivelmente, portanto, traduzir termos específicos de um texto de partida para um texto de chegada, seja dentro de uma mesma cultura ou para outra cultura, cabe a quem o faz uma atenção especial.

Desse modo, sabemos que ao se traduzir muitas formas diversas de fazê-lo surgem, principalmente levando em conta as várias formas de tradução, como aponta Jakobson(2007, p. 63-72). Logo, partindo da afirmação das diversas formas de tradução, subentendemos que há, também, problemas específicos para cada peculiaridade, ou seja, quando tratamos de traduzir obras cuja forma de linguagem é dada através de uma especificidade, isto é, com termos regionais que marcam, historicamente, uma determinada cultura, pondo sobre a mesa traços que norteiam a leitura à compreensão e identificação das nuances de uma tradição regional e que enfatizam as características de uma personagem, bem como todo o rumo da história da obra, notamos que a tradução de termos regionais próprios se torna um de nossos problemas. Quer dizer, seria possível haver uma troca de dialeto por dialeto quando se trata de uma tradução interlinguística, i.e., de língua A para língua B? E como levar à cultura estrangeira um traço que só é possível compreensão em nossa cultura?

Portanto, dados nossos problemas, buscamos discutir essas peculiaridades na tradução do conto de Bernardo Élis, *A crueldade benéfica de Tambiú*, a partir das teorias de Pym(2000), Venuti(1998) e Faria(2009), que nos colocam aspectos ligados às formas de se fazer a tradução de diletos, analisando uma tradução feita por Jethro Soutar da obra de Élis.

Pretende-se com isso, chegar a um consenso, (entendendo que não há e não deve haver uma receita pronta e acabada de como traduzir dialetos específicos, pois cada autor e/ou tradutor têm suas experiências características em sua bagagem), de possibilidades que se têm para traduzir os dialetos, pois, para alguns teóricos, que é o caso de Landers(2001) e Milton(2002), não há como transpor, como numa operação matemática, dialeto por dialeto. Ou seja, marcas linguísticas específicas de uma região, seja qual for, não encontram outras marcas semelhantes em outros idiomas. Logo, se formos colocar essa linguagem na forma padrão, excluir-se-á aquilo que a obra teria de valioso: suas marcas, suas características

regionais e seus dialetos. Com isso, outros teóricos, como é o caso de Pym (2000), concorda que o mais viável é tentar manter o sentido, quer dizer, buscar um balanço entre a língua de partida e a língua de chegada e, se o tradutor julgar necessário, pode-se criar um dialeto dito novo para representar aquilo que se pretende alcançar, no que se refere ao sentido que nos dão os dialetos; e Venuti (1998), que nos fala acerca da domesticação e estrangeirização, onde o tradutor pode levar a cultura aos pés do leitor, ou colocar o leitor aos pés da cultura.

Língua e cultura: relação e o problema da tradução

A literatura capta as nuances do tempo, estabelece um elo que, dificilmente, pode ser rompido entre cultura e língua. Logo, não há como descartar o fato das mudanças culturais afetarem a língua e as mudanças linguísticas afetarem a cultura. Pensando nesse ponto, observamos que um dos grandes papéis desempenhados pela tradução é o de fazer uma espécie de intercâmbio entre culturas diferentes, assim, há uma expansão cultural e um problema irrompe em meio a isso: como traduzir peculiaridades culturais? Ou seja, marcas que dão um sentido em uma dada cultura pode não dar, com certeza não dão o mesmo sentido em outra cultura. Partindo desse princípio, há uma antiga questão já discutida: o problema do tradutor traidor, que não usa o sentido literal para expor aquilo que se pede, parte para o sentido e, em alguns casos, opta por criar um novo dialeto que possa atender às duas línguas – de partida e de chegada. Por esse fato, seria ele um traidor? Provavelmente não! Pym(2000), nos apresenta a ideia de que valores linguísticos não podem ser colocados em igualdade de cultura para cultura, ou seja, não há termos que correspondem aos mesmos sentidos em culturas diferentes. Nesse ponto, o mais adequado, é tentar enganar a língua, quer dizer, traduzir com uma variedade enganosa, optando por criar um dialeto que poderia manter um sentido ao qual o leitor compreenderia o que estaria acontecendo, quem estaria falando, de onde ele era e as características semelhantes a essas questões.

A tradução, nesse caso, se torna problemática por não lidar com a norma padrão, cabe ser ressaltado, pois quando a tradução é feita de norma padrão à norma padrão se estabelece um nível de facilidade notável, pois não há de se preocupar com termos regionais e questões culturais peculiares, quer dizer, não se tem o grande problema de traduzir dialetos

tão quanto há na tradução de um texto que foge à norma padrão.

Quando se trata de literatura, em que o autor tem liberdade de mudar as questões linguísticas, digo as questões da norma padrão, o problema se torna imanente. Uma cultura é única em sua essência, portanto, suas marcas de variedades linguísticas são exclusivas, e dão trabalho ao se tentar traduzir essas marcas, como afirma Faria(2009):

tratando-se de uma forma de expressão artística, um escritor tem toda liberdade para usar e abusar da língua em todas as suas variedades e níveis, dependendo das suas intenções, obedecendo mais à sua sensibilidade do que à sua razão. (FARIA, 2009, p. 82).

É como tentar traduzir uma piada, um tom humorístico dado em nossa cultura não soa engraçado a quem não compreende nossa cultura, logo, subentende-se que quem traduz, para fazê-lo, necessita de um conhecimento cultural para que possa fazer soar bem qualquer variedade, sem que se perca a essência dela.

Bernardo Élis: escrita artística e *A crueldade benéfica de tambiú*

Consagrado escritor goiano, Bernardo Élis se caracteriza por sua forma de escrita em que faz uso notável da variação linguística. Seus escritos são dotados de personagens que se destacam por sua forma de falar, suas expressões e características próprias que enriquecem o texto. Tratando-se de uma escrita artística, ou melhor, uma manifestação artística, o autor pode usar as variações como bem entender. Obviamente, isso é um problema para quem irá traduzir essa obra, pois, como já vimos, toda essa questão de variedade linguística gera alguns cuidados que devem ser tomados pelo tradutor.

Não obstante aos seus outros escritos, *A crueldade benéfica de Tambiú* está repleta dessas questões de uso dos dialetos. O texto que narra uma história iniciada em Amaro Leite, um pobre povoado do interior de Goiás, no qual vive Nequinho, personagem cuja calma era notável. A obra, publicada em *Ermos e Gerais* (1944, p. 79-84), segue sua narrativa contando o dia-a-dia dos moradores daquele povoado, moradores que são bem descritos como fedorentos, tocadores de viola, sanfona e jogadores de 31, que faziam suas farras no bar de um cearense. Chega, portanto, ao povoado, um soldado briguento que dá nome ao conto –

Tambiú - com sua farda e suas armas, ele aparece, logo de cara, brigando com os moradores, agredindo mulheres e obrigando o cearense a lhe dar duas garrafas de pinga por dia. Certa noite, com o bar do cearense quase deserto, aparece o soldado, que logo caça briga com Nequinho e lhe aceta um tiro no olho torto que o tinha. Tambiú será, então, perseguido por dois homens a mando do chefe político local. Mas Tambiú era cangaceiro da Paraíba, havia se cansado de matar e veio para Goiás. O soldado fugiu, depois de ser perseguido, até se esbarrar em Tocantins, onde arrumou confusão com um barqueiro que atravessava as pessoas para o outro lado do rio, e Tambiú acabou morrendo depois dessa briga com o barqueiro. Ao final, Nequinho se torna mágico, arrancando seu próprio olho de vidro e colocando-o de volta.

Nesta parte, ao final, em que ele se reapresenta, em seu diálogo nota-se uma infinidade de coloquialidade e regionalismo, a norma padrão é posta de lado e não é usada. Aqui, certamente, encontra-se um dos problemas de nosso tradutor. Vide o excerto: “Meus amado irmão, esse número é inteirado de difiço. Eu faço ele no perigo de ficá cego. Mas é preciso adivirtí essa nação de povo que vierorezá pra Nossa Senhora d’Abadia do Muquém e fé nela que num hai de tê nada e meu zóio num zanga”.

Vejamos como lidou com esse problema, Jethro Soutar, o tradutor.

O tradutor Jethro Soutar e o problema na tradução do conto³

Jethro Soutar é tradutor de espanhol e português para o inglês. É britânico e graduado em Letras, nas habilitações de português e espanhol, pela Faculdade de Humanidades na Universidade de Cardiff, em 2000. Suas traduções incluem *Needle in a haystack*, de Ernesto Mallo (publicada em 2010 e indicada para o prêmio Crime Writers Association's International Dagger) e *Hotel Brasil*, de Frei Betto (publicada em 2014 e vencedor do Pen Award), ambos pela Bitter Lemon Press. Sua tradução do romance *Bynight the mountain burns*, de Juan Tomás Ávila Laurel, foi publicada pela AndOtherStories e indicada ao Independent Foreign Fiction Prize (2015). É co-fundador da Ragpicker Press, onde

³Estes dados foram obtidos por meio de questionário enviado ao tradutor Jethro Soutar, em sua resposta de 18.11.2016, por e-mail.

coeditou a obra de estreia *The Football Crônicas*, uma coletânea de traduções de textos curtos da América Latina.

Alguns pontos específicos que foram problemas para o tradutor serão listados, com grifo nosso. São algumas partes que julgamos interessantes para discussão e que apresentam aspectos próprios da linguagem e da compreensão que um leitor estrangeiro tem ao se deparar com alguns termos.

Fragmento A

[...] *à luz cretina de uma candeia de barro, de 3 bicos*[...]

[...] *and in the cretinous light of a 3-pronged clay kerosene lamp*[...]

No excerto acima, o tradutor não compreende o primeiro sentido do texto, marcando no conto um grifo próprio: “Luz mal, ou luz enganoso ou...? Cretino parece-me uma palavra estranha aqui”. Nossa resposta a essa dúvida foi a seguinte: que a luz era fraca e que o uso da palavra “cretino” causava estranheza por Bernardo Élis fazer uso de uma língua reinventada, isto é, como mencionado anteriormente, quando se trata de uma representação artística, o autor tem liberdade para fazer uso da linguagem como bem entender. Isso causa um problema a quem traduz, por causa do efeito de sentido que um termo pode causar em nossa cultura e que, certamente, não se obterá o mesmo efeito de sentido, porém tenta-se aproximar de um efeito que se assemelhe ao tido no texto primogênito.

Fragmento B

[...] *Ôchen! A mó que nunca viu sordado*[...]

[...] *Heck! Ain't he never seen no soldjer before!*[...]

Nota-se aqui, que o tradutor faz uso da teoria de Pym, que sugere uma opção binária: deixar de traduzir a variedade, o que resulta na perda de valor da variação; ou traduzi-la a partir de uma variedade enganosa, que daria noção ao leitor estrangeiro do efeito de sentido causado pela variação. Nesse caso, Jethro Soutar opta por traduzir a variação criando uma variedade enganosa, ao passo que não contemplaria nem o idioma do texto de chegada, nem o idioma do texto de partida, porém daria, a quem lê, a ideia de marca regional, isto é específica

de um personagem. Neste caso, trocar *soldier* por *soldjer*, marcando aqui a palavra com um estilo próprio, faz com que a marca leve o leitor a imaginar a especificidade do personagem.

Tradução à luz da teoria

Como bem sabemos, ao se traduzir, quem o faz, tem a árdua missão de opção, ou seja, ele pode escolher termos e expressões que julgar necessárias e interessantes para a ocasião. No caso estudado, alguns teóricos nos dão sugestões pertinentes para o ato de se traduzir dialetos, como é o caso de Venuti, que estabelece duas estratégias de tradução, e as chamou de *domesticação* e *estrangeirização*.

A primeira consiste em adaptar, ou seja, mudar, de certa forma, o efeito de sentido do texto partida e o levar para outra cultura, colocando o texto aos pés do leitor estrangeiro, fazendo, na maioria dos casos, com que seu sentido seja comprometido, muitos veem a tradução domesticadora como bruta, isto é, leva de forma brutal as marcas de uma cultura a outra fazendo com que as marcas iniciais sejam apagadas, é vista como uma forma de corrigir as variações do dialeto, pois ela não se preocupa com as variações e as apaga.

A segunda, *grosso modo*, leva o leitor aos pés do texto, por meio de “uma organização sintática peculiar que permite que a estrangeiridade do texto de partida seja mantida”. Busca, portanto, manter as marcas de forma que o leitor deva saber do que se trata o texto e deva ter um conhecimento geral sobre a cultura ao qual o texto traduzido está inserido. E de outro lado, Pym (2000), com a opção de criar um dialeto que ira marcar a variação, porém, sem a dita “equivalência”, pois acredita-se que nenhuma cultura é equivalente a outra, cada uma têm suas marcas próprias e suas características, por isso “não se pode falar em equivalência linguística ou de sentidos entre duas culturas em contato, pois há muito que considerar. As culturas, por exemplo, não sendo uniformes, oferecem um obstáculo a quem se embrenha na selva da tradução”(FARIA e FELLIPE, 2016). Neste sentido, a marcação daria, a quem lê, a noção de coloquialidade na fala do personagem. Aqui, em nosso conto estudado, o tradutor opta por marca a palavra soldado, que no conto está como *sordado* e traduzido ao inglês, o tradutor opta por *soldjer*, caracterizando a oralidade do personagem.

A teoria de Pym permite encontrar soluções tradutórias equilibradas, no tocante ao

tratamento de dialetos. Isso significa recriar um dialeto na tradução que ficará marcado com os traços que o tradutor quiser dar ao texto.

Ainda sobre os problemas de se traduzir dialetos, Landers (2001), por exemplo, concorda que as dificuldades ao se tentar traduzir dialetos começam quando se pretendem transferir as peculiaridades do dialeto para a língua de chegada. Isto é, buscar na língua de chegada um termo que seria “equivalente”, esse problema se torna mais discutido quando se trata de um dialeto desviante da norma-padrão que se faz presente em variações regionais, socioletos, idioletos, registros, tons diferentes etc. Pois, Landers afirma que as questões que envolvem o dialeto estão ligadas culturalmente a um ambiente social, além disso também não se pode descartar o fato da geografia do local influenciar na linguagem, desse modo, ela, por se relacionar com a cultura, é afetada e com isso os dialetos também o são. Nesse sentido, a procura pela substituição com um dialeto que seria “equivalente” está destinada ao erro e não é crível aos estudiosos supracitados a equivalência entre línguas diferentes de culturas também distintas.

Para Pym,

quando os tradutores se deparam com os marcadores de uma variedade lingüística, o que deve ser traduzido não é a variedade do texto de partida (isso não se move, e a tradução é, em qualquer caso, a substituição da variedade base do texto de partida, por definição). O que deve ser traduzido é a variação, a alteração sintagmática da distância, o desvio relativo de uma norma textual ou genérica. Se estas mudanças podem ser traduzidas, como normalmente é o caso, então se pode dizer que os marcadores foram traduzidos, e, logo, não há mais o que discutir. (PYM, 2000)

Dada a afirmação acima, nota-se que Jethro Soutar, tradutor do conto *A crueldade benéfica de Tambiú*, de Bernardo Élis, opta por marcar as variações de modo a não favorecer nenhum dos lados, nem a língua de chegada nem a de partida, para tanto, deixa a quem lê a noção da coloquialidade na fala do personagem que a tem.

Em alguns casos, o tradutor opta por utilizar as bases de Venuti (1998) e acaba ou por domesticar ou por estrangeirizar. O próprio Venuti, sobre domesticar, afirma que o ato coloca uma máscara ao texto e acaba por esconder sua verdadeira essência: a domesticação apaga a cultura estrangeira, sob a justificativa de tornar o texto traduzido mais confortável à recepção, o que, de certa forma, Venuti condena, por se assinalar uma forma de colonização

cultural, isto é, apagar uma cultura e evidenciar outra, como se a cultura da recepção fosse mais importante do que a outra.

Considerações finais

O estudo desenvolvido, como já supracitado, pretende nortear os rumos da tradução de dialetos a um caminho não concluído, mas que dará uma solução para essa árdua tarefa – a de se traduzir dialetos. Portanto, por meio da análise do conto *A crueldade benéfica de Tambiú*, de Bernardo Élis, segundo a tradução de Jethro Soutar, refletimos sobre os problemas do tradutor ao se deparar com os termos regionais e as expressões típicas do sertão goiano.

Apesar de não haver solução definitiva para a tradução de dialetos, sabendo-se que a transposição cultural não é possível, bem como a noção de “equivalência” entre uma cultura e outra também jamais pode se ater ao seu significado matemático, o caminho apontado por Pym mostra-se como um importante caminho para lidar com esse problema. Mas o bom tradutor, experiente, sabe que há situações *sui generis*, as quais podem levantar outras experimentações.

Neste sentido, as teorias propostas nesse estudo nos levaram a compreender as dificuldades de se tentar traduzir os dialetos, nos deram soluções que podem ser tomadas pelo tradutor para facilitar a leitura de um estrangeiro se o texto não for de sua cultura, porém, de forma cautelosa, o tradutor deve tomar algumas precauções, como: não mudar o sentido do texto; tomar cuidado com a domesticação, para que o leitor entenda a essência no sentido de que saberá que determinada fala não é típica de sua cultura; tentar manter o efeito de sentido de cada termo, para que seja compreendido por cada leitor estrangeiro, além de outros cuidados. Assim, o texto pode chegar bem ao leitor estrangeiro e pode dar a quem lê o sentido que o texto tinha, ou pelo menos um sentido semelhante à sua versão primogênita.

Desse modo, cabe ressaltar a importância de um tradutor, que na Idade Média tinha um papel subserviente e que era rotulado de traidor por não conseguir manter o sentido “original” do texto de partida. O papel do tradutor na atualidade tem um lugar especial na disseminação cultural, literária etc. Está presente em vários lugares de prestígio como a

política e em congressos internacionais. O tradutor, nesse sentido, leva uma cultura ao conhecimento geral por meio de suas traduções, por isso deve ser um assunto discutido e de cuidados especiais, deve ter o olhar carinhoso por parte dos estudiosos das áreas da linguagem (não só os da linguagem, especialmente eles), pois cabe aos tradutores boa parte da formação cultural mundial.

Referências

- FARIA, Johnwill Costa. **Of mice and men, de John Steinbeck**: a oralidade na literatura como problema de tradução. Brasília: UnB/Instituto de Letras, 2009.
- FARIA, Johnwill Costa e OLIVEIRA, Phablo Felliipe. **Papai Noel ladrão/Santa thief**: um conto de Bernardo Élis traduzido para o inglês e a desconstrução do mito do tradutor traidor. Anais do XII ENFOPLE. Inhumas: UEG, 2016, p. 187-200.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: _____. **Lingüística e comunicação**. (Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix, 2007, p. 63-72.
- LANDERS, Clifford E. **Literary translation**: a practical guide. Clevedon, Buffalo, Toronto, Sydney: Multilingual Matters LTD, 2001.
- MILTON, John. **Tradução**: teoria e prática. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PYM, Anthony. Translating linguistic variation: parody and the creation of authenticity. In: VEGA, Miguel A. e MARTÍN-GAITERO, Rafael (ed.). **Traducción, Metrópoli y Diáspora**. Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 2000, p. 69-75. Disponível em: <<http://www.tinet.org/~apym/on-line/translation/authenticity.html>>. Acesso em 18 de maio de 2017.
- VENUTI, Lawrence. Strategies of translation. In: BAKER, Mona (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres: Routledge, 1998, p. 240.